

A Revisão por Pares na Ciência: Limites e Possibilidades da Prática Científica à Luz da Teoria dos Campos de Bourdieu¹

Peer Review in Science: Limits and Possibilities of Scientific Practice in the Light of Bourdieu's Field Theory

Revisión por Pares en la Ciencia: Límites y Posibilidades de la Práctica Científica a la Luz de la Teoría de Campo de Bourdieu

Cláudio Nei Nascimento da Silva²

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de promover uma reflexão sobre a revisão por pares na ciência, à luz das contribuições da sociologia de Bourdieu, a fim de se perceber os efeitos pedagógicos desse processo para o desenvolvimento intelectual do pesquisador. A partir dos conceitos encontrados na teoria dos campos de Bourdieu, apresenta os elementos que fazem da revisão por pares um microcosmo das práticas científicas mais amplas e as estratégias que os agentes encontram para converter esse processo em um espaço de aprendizagem e desenvolvimento. A discussão revelou que a revisão por pares é um lugar que, além de ocorrer a luta pelo monopólio da autoridade científica, é um espaço para a aprendizagem dos *modos operandi* da ciência. Para o pesquisador, trata-se de uma excelente oportunidade para compreender os diferentes processos que fazem da ciência um espaço de lutas e disputas. Conclui apresentando o conceito de ontogênese intelectual, tomando-o como categoria explicativa das experiências de aprendizagem na ciência, mas também como resultado das contradições do processo de acumulação de prestígio nos campos científicos, resultante da distribuição desigual do reconhecimento da autoridade científica entre pesquisadores.

Palavras-chave: Revisão por pares. Ciência. Ontogênese Intelectual.

Abstract: This work aims to reflect on the peer review in science in the light of the contributions of Bourdieu's sociology in the perspective of perceiving the pedagogical effects of this process for the researcher's intellectual development. Based on the concepts found in Bourdieu's field theory, it presents the elements that make peer review a microcosm of the broader scientific practices and the strategies that agents find to convert this process into a space for learning and development. The discussion revealed that peer review is a place that, in addition to the struggle for the monopoly of scientific authority, is a space for learning the operating modes of science. For the researcher, it is an excellent opportunity to understand the different processes that make science a space for struggles and disputes. Concludes by presenting the concept of intellectual ontogenesis, taking it as an explanatory category of

¹ Este estudo é decorrente do trabalho de doutoramento do autor, intitulado: "Ontogênese intelectual: o potencial pedagógico da revisão por pares no desenvolvimento da competência científica de pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento"

² Instituto Federal de Brasília (IFB), Brasília, Brasil, claudio.silva@ifb.edu.br

learning experiences in science, but also as a result of the contradictions of the process of accumulating prestige in scientific fields, resulting from the uneven distribution of recognition of scientific authority among researchers.

Keywords: Peer review. Science. Intellectual Ontogenesis.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo promover una reflexión sobre la revisión por pares en la ciencia, a la luz de los aportes de la sociología de Bourdieu, a fin de comprender los efectos pedagógicos de este proceso para el desarrollo intelectual del investigador. A partir de los conceptos encontrados en la teoría de campo de Bourdieu, presenta los elementos que hacen de la revisión por pares un microcosmos de las prácticas científicas más amplias y las estrategias que encuentran los agentes para convertir este proceso en un espacio de aprendizaje y desarrollo. La discusión reveló que la revisión por pares es un lugar que, además de la lucha por el monopolio de la autoridad científica, es un espacio para aprender los modos de funcionamiento de la ciencia. Para el investigador, esta es una excelente oportunidad para comprender los diferentes procesos que hacen de la ciencia un espacio de luchas y disputas. Concluye presentando el concepto de ontogénesis intelectual, tomándolo como una categoría explicativa de las experiencias de aprendizaje en la ciencia, pero también como resultado de las contradicciones en el proceso de acumulación de prestigio en los campos científicos, producto de la desigual distribución del reconocimiento de la autoridad científica entre los investigadores.

Palabras clave: Revisión por pares. Ciencias. Ontogénesis intelectual.

1 INTRODUÇÃO

Bourdieu tem sido considerado uma leitura indispensável para quem se permite aventurar na reflexão sobre as contradições e os dilemas vividos em nossos campos sociais. Dentre as mais relevantes contribuições desse autor, destacam-se sua preocupação em compreender os mecanismos de reprodução da educação na sociedade francesa e os valores e sistemas que orientam o comportamento de pesquisadores no âmbito de cada campo científico. Trata-se de uma tarefa que comporta uma dose expressiva de risco, uma vez que, conforme reconhece o próprio autor, aos que se aventuram por desvendar os segredos de seu próprio grupo, cabe estar preparados para as consequências de uma perseguição subjetiva.

A análise sociológica, que contribui para os estudos da comunicação científica, embora seja, muitas vezes, vista como uma análise interessada, deve ser compreendida como uma “estrutura mesma do sistema explicativo”, que permite, inclusive, desfazer (ou elucidar) “o que a construção científica havia feito” (BOURDIEU, 2008, p. 13). Daí que resulta um risco que poucos pesquisadores estão dispostos a correr, já que as relações que se estabelecem entre os sujeitos e suas exterioridades objetivas procedem de um conjunto de disposições duráveis que os conforma e os protege, ao qual Bourdieu chamou de *habitus*. Essa condição

pode explicar o fato de que, mesmo abordando aspectos que podem interessar bastante aos estudos da Ciência da Informação, Bourdieu tem aparecido “timidamente” em pesquisas dessa área. Os estudos da comunicação científica no âmbito da Ciência da Informação abrangem vários aspectos importantes relacionados à ciência, como a “conceituação, desenvolvimento, informação, comunidade científica e suas normas comportamentais” (TARGINO, 1999, p. 1), sendo que, para estes dois últimos, a Sociologia de Bourdieu tem contribuído enormemente para sua interpretação.

Ao retratar as implicações das estruturas sociais para o indivíduo e em especial as propriedades dos campos científicos, principalmente no que se refere ao que Bourdieu chamou de *illusio*, fica evidente uma tomada de posição no sentido de elucidar os contrassensos e complexidades do discurso que mascara o fazer científico. O discurso do “natural”, por exemplo, legitimador das práticas de dominação as quais permitem a reprodução de estratégias de manutenção e controle de poder que aparecem em diferentes níveis do sistema educacional e atinjam seu ápice no campo científico, é traduzido por Catani (2002, p. 65) ao asseverar que o “privilégio social e as habilidades adquiridas na família burguesa travestem-se em méritos individuais, ‘dons naturais’ que o indivíduo possui”. Em decorrência disso, a maneira como a *illusio* do discurso natural se manifesta, em particular, no campo científico, está na:

crença científica como interesse desinteressado e interesse pelo desinteresse, que leva a admitir, como se diz, que o jogo científico merece ser jogado, que ele vale a pena, e que define os objetos dignos de interesse, interessantes, importante, capazes, portanto, de merecer o investimento (BOURDIEU, 2004, p. 30).

Isso quando o que move grande parte dos cientistas é muito mais a luta pelo monopólio da autoridade científica face à busca do reconhecimento dos pares por sua competência científica.

Por essas e outras razões, a análise sociológica a partir de Bourdieu se apresenta por demais pertinente a qualquer projeto de reflexão que focalize um mecanismo integrante da estrutura científica, como o é a revisão por pares, tida neste trabalho como uma representação microcós mica de diversos processos que estão presentes no campo do qual é parte. Alguns desses elementos, além da “competência científica”, como “*habitus*” e “capital” são abordados e constituem categorias elucidativas desta discussão.

Tendo em vista os aspectos supramencionados, este trabalho tem o objetivo de promover uma reflexão sobre a revisão por pares na ciência, à luz das contribuições da

sociologia de Bourdieu, na perspectiva de perceber os efeitos pedagógicos desse processo para o desenvolvimento intelectual do pesquisador.

Trata-se, portanto, de um estudo teórico e, enquanto tal, parte da conceituação das categorias bourdieianas contextualizadas ao processo de revisão por pares. Em seguida, demonstra, a partir das contribuições de Bourdieu, que a revisão por pares é um lugar de conflito na medida em que se torna um campo de luta pelo monopólio da autoridade científica. O trabalho demonstra também o potencial de aprendizagem do *habitus* científico para pesquisadores, especialmente neófitos, a partir da revisão por pares. Finaliza abordando o processo editorial como um microcosmo das práticas científicas para culminar com o conceito de ontogênese intelectual que, embora não seja novo na literatura (VERMEIJ, 2002), representa, no âmbito deste trabalho, os ganhos pedagógicos para os pesquisadores que participam do processo de revisão por pares (SILVA, 2016).

1.1 O QUE É COMPETÊNCIA CIENTÍFICA EM BOURDIEU?

Em uma perspectiva *lato sensu*, competência científica é a capacidade de pensar a realidade por meio dos instrumentos fornecidos pela cultura científica historicamente acumulada, conforme se observa mais claramente em um documento intitulado *Pisa: competencia científica para el mundo del mañana*. Este documento publicado pelo governo do País Vasco, Espanha, define competência científica como “a capacidade de empregar o conhecimento científico, identificar perguntas e obter conclusões baseadas em provas a fim de compreender e ajudar na tomada de decisões sobre o mundo natural e as mudanças que a atividade humana produz nesse mundo” (CAÑO; LUNA, 2011 p. 7).

A competência científica em Bourdieu está diretamente associada à outra categoria igualmente importante: *capital*. A competência científica é, portanto, um aspecto marcante do processo de aquisição de capital científico. Para adquirir capital científico, o pesquisador precisa apresentar capacidade de lutar e impor autoridade de produtor legítimo. Portanto, por competência científica, em Bourdieu (1976, p. 1), entende-se a “capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado”. É um conjunto de habilidades do cientista que o permite sobreviver e ter sucesso em seu meio especializado. Ao considerar a “capacidade de falar” legitimamente, infere-se, a partir de Bourdieu, que esta capacidade pode ser lida também como a de publicar. Mas o processo de publicação não se constitui isoladamente. Publicar significa submeter o produto do seu trabalho ao crivo de outros pesquisadores, que poderão criticá-lo, rejeitá-lo, recomendá-lo, corrigi-lo e isso se dá mediante a revisão por pares.

1.2 COMPETÊNCIA CIENTÍFICA E A REVISÃO POR PARES

O processo de revisão por pares é, para a ciência, um instrumento de controle de qualidade. Além disso, esse mecanismo também contribui para o desenvolvimento da competência científica de pesquisadores de diferentes níveis de prestígio e áreas de conhecimento.

Os autores, cujos trabalhos são avaliados, estão também submetendo à avaliação a sua própria competência. O resultado da revisão por pares repercute sobre o próprio sujeito, delineando os contornos de sua competência científica e mesmo da sua conformação em torno dessa competência. Afinal, “o sujeito da ciência faz parte do objeto da ciência; ocupa um lugar nele” (Bourdieu, 1976, p. 73). Também porque a competência científica é fruto de um processo de legitimação que se faz no âmbito de cada campo, sobretudo se este campo gozar de autonomia. Ao estabelecer relação entre autonomia do campo e ganhos para o pesquisador, Bourdieu (1976, p. 6) defende que, em um campo científico com maior autonomia, um pesquisador que produz isoladamente “só pode esperar o reconhecimento do valor de seus produtos (“reputação”, “prestígio”, “autoridade”, “competência”, dentre outros) dos outros produtores que, sendo também seus concorrentes, são os menos inclinados a reconhecê-lo sem discussão ou exame”.

Dessa forma, a aquisição e o desenvolvimento dessa competência científica encontrarão um terreno mais fértil se o pesquisador se imbuir de “uma disposição estável para operar em determinado sentido” (CUNHA, 2003, p. 64), ou seja, submeter-se a um estado de conformação consciente com aquilo que se encontra estabelecido culturalmente dentro do campo, constituindo-se, portanto, no próprio *habitus*. Embora o campo científico seja um terreno de lutas e conflitos, um verdadeiro jogo em que também as regras estão em jogo, somente uns poucos estão autorizados a pôr em questão estas regras. É por isso que “o bom cientista jogador é aquele que, sem ter necessidade de calcular, de ser cínico, faz as escolhas que compensam” (BOURDIEU, 2004, p. 28), sem a necessidade de propor ou proceder rupturas com as regras estabelecidas.

De outro lado, os revisores assumem o papel de certificadores do conhecimento que está sob sua tutela. Segundo Bourdieu (1976, p. 6), “somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos”. Participar da revisão por pares como revisor já é, por si, uma confirmação e reconhecimento por parte de campo científico da competência científica. Aí reside um dos aspectos mais delicados da revisão por pares: quem tem o poder de julgar é maior conhecedor

do objeto julgado e, quanto maior é o conhecimento, também maior é o interesse no desfecho desse julgamento. Talvez seja por isso que, desde 1990, Horrobin denunciava que a revisão por pares pode trazer enormes prejuízos à inovação, pois “muitos revisores são contra a inovação, a menos que seja sua inovação” (HORROBIN, 1990, p. 1441).

Como o processo de comunicação do conhecimento científico se tornou bastante complexo desde que surgiu no século XVII, é razoável afirmar que a revisão por pares não ficou para trás em se tratando dessa complexidade. Segundo Björk e Catani (2016), perspectivas de negócios, interesses comerciais, o surgimento das mega-revistas etc. incrementaram bastante a revisão por pares.

Enquanto objeto do conhecimento, embora se possa dizer que o tema “revisão por pares” esteja na interface de duas ciências: a Comunicação e a Ciência da Informação, essa convergência de interesse não aparece claramente na pesquisa em que Brambilla et al. (2010) analisaram os objetos das linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação de Ciência da Informação e Comunicação no Brasil. As autores afirmaram que “tal interação somente será possível quando a pesquisa se apropriar do espaço de interfaces, produzindo conhecimentos que levem à constituição de objetos comuns”.

Para Bourdieu (1976, p. 9), essas análises não são outra coisa senão uma “justificação, cientificamente mascarada, do estado particular da ciência ou das instituições científicas com o qual compactuam”. Nessa acepção, pode-se considerar que a revisão por pares é um universo controlado de luta. Uma luta pelo que Bourdieu chamou de monopólio da autoridade científica.

2 A REVISÃO POR PARES COMO LUGAR DE CONFLITO: A LUTA PELO MONOPÓLIO DA AUTORIDADE CIENTÍFICA

Cada vez mais os editores dependem de revisores especialistas para basear sua decisão acerca de um manuscrito. Para Pine (2008, p. 897), isso acontece porque, como “a sofisticação das técnicas de investigação têm crescido, tornou-se impossível para qualquer editor possuir experiência em todas as áreas de pesquisa”. Além disso, continua esse mesmo autor, os avanços contínuos em diversos campos colocam um peso cada vez maior sobre revisores possuidores de altos níveis de conhecimento em áreas específicas. Isso quer dizer que o trabalho de revisar um manuscrito é, portanto, um reconhecimento por parte do periódico da autoridade científica de um pesquisador em uma determinada área. Tem, então, a revisão por pares uma importância decisiva nas relações de poder próprias da ciência, tanto no

que se refere à reprodução da estrutura dos campos científicos, como da distribuição do reconhecimento por aquilo que é válido e legítimo em ciência.

É papel da revisão por pares, portanto, contribuir para o reconhecimento da autoridade científica do pesquisador, especialmente quando este se encontra na condição de revisor, possibilitando a ele não só mais possibilidades de se posicionar na vanguarda da ciência, como também mais prestígio, já que detém as melhores oportunidades para reforçar sua autoridade científica, determinando o que é legítimo e ilegítimo; válido ou não válido em ciência. O fortalecimento dessa autoridade fará com que a constante luta por seu monopólio seja encampada muito mais mediante a defesa da ordem do que por seu questionamento. Fortalecer a autoridade científica é aumentar as possibilidades de domínio dentro de um determinado campo, pois, segundo Bourdieu (1976, p. 16-17), “os dominantes consagram-se às *estratégias de conservação*, visando assegurar a perpetuação da ordem científica estabelecida com a qual compactuam”. E se o campo científico é um jogo, “no qual as regras estão elas próprias postas em jogo” (BOURDIEU, 2004, p. 29), a possibilidade aberta pela revisão por pares, na ciência, de fazer com que a disputa pela autoridade científica seja levada a cabo, permite que somente uns poucos dotados das condições de luta, isto é, autoridade, vençam um jogo no qual o que se encontra em disputa são suas regras.

Como já mencionado, o campo científico representa o local onde os pesquisadores atuam e contempla um paradoxo cujo entendimento é fundamental para o desenvolvimento da competência científica. Pesquisadores que ocupam a posição de julgadores de trabalho de seus pares, dependendo da autonomia do campo científico, são também concorrentes, alerta Bourdieu (1976). Isso significa que o processo de revisão não está imune aos dilemas próprios da natureza humana. Muitos profissionais, ao atuarem como revisores/avaliadores, não conseguem manter uma postura inteiramente profissional, baseada na avaliação crítica e séria do trabalho em questão. Algumas conjecturas para essa situação são apresentadas a seguir a partir de elementos da sociologia de Bourdieu:

- a) **Capital político ↔ capital científico**: os critérios para composição do corpo de revisores levam em conta a acumulação do capital institucional, aquele ligado a estratégias políticas, ao poder que o pesquisador ocupa nas instituições científicas, ao poder de produção do fazer científico e de reprodução de cargos e espaços mais privilegiados (BOURDIEU, 2004) em detrimento do capital científico puro, que é adquirido pelo reconhecimento que os pares concedem às contribuições do pesquisador à ciência, por suas publicações, pelo impacto de suas ideias na

comunidade científica a que pertence (BOURDIEU, 2004), ou seja, “como se o status do cargo fosse suficiente para não haver necessidade de fundamentação suficiente e adequada para sustentar o que é afirmado sobre o que é objeto de ‘avaliação’”(BOTOMÉ, 2011, (p. 140).

- b) **Campo ↔ *habitus***: as ações dos autores, revisores e editores constituem resultado da relação entre “as disposições reguladas de um *habitus* científico (...) e as imposições estruturais exercidas por este campo em um momento dado do tempo”, (BOURDIEU, 1997), p. 89). A revisão por pares, como uma representação microcômica do campo, é um espaço onde estes agentes atuam e sua atuação nada mais é do que a relação objetiva entre eles, configurada a partir das disposições que são captadas e convertidas em sentido de forma ativa. A tensão que se observa, nesse caso, é principalmente por parte do autor ou autores em relação às normas estruturais do campo (normas para submissão de artigos, critérios de qualidade e validade para o conhecimento científico etc.) e às disposições (*habitus*) que não são adquiridas dentro do próprio campo. Conforme assegura Bourdieu (1997, p. 90), só há validade para um enunciado científico apresentado se este é “submetido à censura específica do campo”.
- c) **Autoridade científica ↔ competência científica**: a correlação entre estas duas categorias do pensamento de Bourdieu pode ser observada mediante as modalidades de revisão por pares (duplo cego, simples cego, aberta) praticadas por periódicos. Tais modalidades constituem indicativos de que tanto a autoridade quanto a competência são requisitos indispensáveis e complementares para a aprovação de artigos científicos para publicação. Em todos os sistemas, o conhecimento do revisor sobre a identidade do autor é possível. Mesmo no sistema duplo cego há a possibilidade de o revisor ter acesso à identidade da autoria, ou seja, não há garantias de que o anonimato do autor seja preservado, pois, de acordo com Martínez, (2012, p. 29), a experiência tem mostrado que “com frequência os revisores podem deduzir a identidade dos autores pelo tema discutido no manuscrito ou pelas referências usadas nele”. Dessa forma, o resultado da avaliação pode levar em conta não somente a competência científica observada na qualidade e relevância do trabalho, mas o poder científico que o autor detém e os ganhos para o revisor (ou editor) mediante a aprovação (reconhecimento) de um determinado manuscrito. Conforme esclarece Bourdieu (1976, p. 2), “os

juízos sobre a capacidade científica de um estudante ou de um pesquisador estão *sempre contaminados*, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias instituídas”.

Todos esses aspectos indicam haver limites importantes no processo de revisão por pares, dado que sua operacionalização ocorre num contexto de lutas e disputas, orientadas por diferentes interesses. Entretanto, ainda que as categorias de Bourdieu indiquem a existência de dilemas em função da dimensão subjetiva presente na revisão por pares, pesquisadores que submetem seus trabalhos à avaliação criteriosa de outros pesquisadores (mesmo que igualmente interessados) poderão encontrar um instrumento para aquisição e desenvolvimento de sua competência científica, ao que se propõe chamar de ontogênese intelectual. Isso porque a ciência, como qualquer outro campo social, está sujeita às contradições próprias das relações sociais, já que é um processo eminentemente humano; e as contradições das relações de produção do conhecimento científico, já que também é processo social e, como tal, opera-se na tensão entre distribuição e concentração (de poder, prestígio e reconhecimento).

3 REVISÃO POR PARES E O *HABITUS* CIENTÍFICO COMO UM LUGAR DE APRENDIZAGEM

Cumprido destacar que a revisão por pares é um processo que se verticaliza sobre o documento avaliado, cuja abrangência atinge toda a prática da pesquisa e cujo mecanismo pode não se ocupar apenas do documento. Serra, Fiates e Ferreira (2008, p. 7) argumentam que:

a verdade é que grande parte dos artigos recusados possui qualidade questionável por não verificarem alguns aspectos essenciais durante a realização da pesquisa e/ou da elaboração dos manuscritos que apresentam seus resultados.

Aspectos como gênero, localização geográfica e antiguidade constituem fatores intervenientes no processo de avaliação do conhecimento científico, conforme revela o estudo de Fox, Burns e Meyer (2016) e, “em menor medida, como os convidados respondem aos convites de revisão” (p. 140). Esses autores defendem que, ao escolher os revisores, os editores devem confiar mais em listas de bases de dados de revisores do que no seu conhecimento pessoal de indivíduos com os quais trabalham, pois este critério de escolha se baseia nas interações pessoais e profissionais, em geral estruturadas por gênero, idade e localização geográfica. Em outras palavras, é preciso selecionar revisores para além das relações de oportunidade construídas no campo científico de cada pesquisador.

Nesse sentido, a revisão por pares repercute na própria formação do pesquisador, no desenvolvimento de competências e habilidades voltadas ao fazer científico ou, melhor, ao fazer científico cientificamente estabelecido.

Afirmar que a elaboração de artigos científicos não é uma atividade isolada é deixar claro sua interface com as relações de poder que os agentes da ciência estabelecem entre si e a estrutura própria do próprio processo de produção do conhecimento científico, inclusive, confundindo-se com ele. Serra, Fiates e Ferreira (2008) defenderam que, para se ter sucesso na escrita de bons artigos acadêmicos, deve-se observar quatro passos: a) a formação de uma rede de pesquisadores; b) a dedicação à pesquisa; c) a reserva de um tempo diário; d) e a autoatualização e o conhecimento por parte dos pares. O primeiro aspecto deve ser, com base em Bourdieu, observado por todos, mas especialmente pelos neófitos, que possuem particular interesse em tomar um lugar seguro e permanente no campo. Do contrário, mesmo que empenhem “um suplemento de investimentos propriamente científicos”, não poderão “esperar lucros importantes, pelo menos no curto prazo, posto que eles têm contra si toda a lógica do sistema” (BOURDIEU, 1976, p. 18).

O segundo e terceiro aspectos relacionam-se com a condição do *habitus* presente nos campos científicos. Trata-se, como bem esclareceu Ribeiro (2014, p. 102), de um “*habitus* comum, o qual é observado na situação concreta em que se encontra o agente e captado na prática de pesquisa”. Essa situação concreta não é outra coisa senão a entrega ou a conformação, por parte do pesquisador, com a lógica dominante em seu campo científico e isso exige dedicação e esforço. Por fim, a recomendação de Serra, Fiates e Ferreira (2008), de autoatualização e o conhecimento por parte dos pares, reforça a necessidade de ações mais legitimadoras que legítimas, como, a abdicação em propor mudanças que não são aquelas esperadas como “mudanças” dentro do campo científico. De acordo com Bourdieu (2004, p. 28), os pesquisadores que resolvem adquirir, longe do campo no qual se encontram, “as disposições que não são aquelas que esse campo exige arriscam-se, por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada, com todas as consequências que se possa imaginar”.

A atualização a que se referem os autores citados como condição para se produzir bons trabalhos científicos também comporta uma dose expressiva de esforço para reforçar o prestígio daqueles autores considerados proeminentes, atuais e necessários. O que se questiona é o potencial que tem a ciência de separar as motivações científicas das motivações políticas e o interesse científico do interesse pessoal. O mesmo vale para aquela situação onde

se busca o “reconhecimento por parte dos pares”, que pode se transformar numa ditadura da autopromoção fazendo com que os agentes da ciência invistam mais em impor sua presença nos diferentes espaços da estrutura científica do que em contribuir significativamente por meio do resultado de seu trabalho.

4 O PROCESSO EDITORIAL COMO UM MICROCOSMO DO *HABITUS* CIENTÍFICO

O sucesso alcançado por pesquisadores em seus campos científicos leva em conta a noção de competência científica apresentada anteriormente. Como a revisão por pares visa garantir a qualidade dos manuscritos, a publicação de trabalhos em veículos conceituados tende a projetar seus autores e essa é uma das formas de se legitimar em seu campo científico. Assim, a noção de competência considera a capacidade do pesquisador de abstrair, por meio da revisão por pares, recomendações importantes que o possibilitem aprimorar sua condição enquanto agente ativo e legitimado em seu campo científico. Esse processo é aqui chamado de ontogênese intelectual e caracteriza-se pela capacidade do sujeito da ciência de encontrar, a partir das tentativas de falar legitimamente, formas mediante as quais seus pares possam reconhecê-lo como portador de uma competência científica incontestada, em condições nem sempre favoráveis a esse desenvolvimento. Ontogenia é, de acordo com Maturana e Varela (1995 p. 112), “a história da mudança estrutural de uma unidade sem que esta perca sua organização”.

Refere-se, portanto, ao desenvolvimento do indivíduo ao longo da sua existência, sem desconsiderar a estrutura do ambiente no qual este desenvolvimento ocorre. Nesse sentido, o desenvolvimento de uma unidade se dá “desencadeado por interações com o meio onde se encontra ou como resultado de sua dinâmica interna” (p. 112), asseguram os mesmos autores. A atenção ao meio como um processo não subordinado, mas interativo, em que o indivíduo desenvolve uma autoconsciência sobre seus mecanismos de interação e superação, mediante o que Maturana e Varela (1995) chamam de acoplamento estrutural, isto é, quando “as interações (desde que sejam recorrentes) entre unidade e meio consistirão em perturbações recíprocas” (p. 104), possibilita ao pesquisador o desenvolvimento de sua ontogênese intelectual. Nesse sentido, o conceito de competência científica em Bourdieu deve considerar as correlações entre os processos internos dos pesquisadores, quando se apropriam das recomendações dos pareceres dos revisores, e a estrutura do campo científico no qual se encontra, revelando-se com maior clareza no processo de publicação em periódicos científicos.

A dimensão pedagógica da revisão por pares localiza-se no processo editorial e tem início com a submissão de artigos a periódicos, dividindo-se em quatro etapas: autoral, editorial 1, avaliativa e editorial 2. A **etapa autoral** consiste no próprio desenvolvimento da pesquisa, culmina com a conclusão do artigo pelo autor (ou autores) e se encerra com sua submissão a um periódico. No momento da submissão, os autores observam as normas estabelecidas pela revista. Nessa fase de elaboração, também são observados aspectos de natureza científica como os objetivos do trabalho, a metodologia, os resultados; aspectos de natureza ética (correta coleta dos dados, interpretação, utilização de fontes etc.) que perpassam todas as fases da pesquisa. Por último (ainda que não necessariamente) o editor observa se o artigo atende aos critérios editoriais, a fim de aferir a sua adequação ao escopo da revista escolhida para submissão. A etapa autoral encerra-se com a submissão do manuscrito ao periódico escolhido.

Na **etapa editorial 1** são observados, pelo editor, conselho editorial ou instância equivalente, o interesse editorial no manuscrito, com base em sua relevância e originalidade, bem como outros aspectos considerados de interesse da revista. O editor (e/ou conselho editorial) posiciona-se na vanguarda da produção científica ao ser o primeiro a ter contato com o trabalho que será publicado com base em sua decisão. Há aí também ganhos que, embora difíceis de serem mensurados, contribuem para que esses atores construam uma visão mais abrangente de sua área de conhecimento. Além do fato de que o controle editorial 1 é uma etapa que se efetiva mais em função da autoridade científica do editor, do que propriamente sua competência, já que constitui a primeira fase de avaliação, podendo resultar na recusa direta do artigo, sem submetê-lo à revisão de especialistas.

A **etapa avaliativa** acontece quando o editor(es) resolve(m) submeter o manuscrito à revisão por pares. Pelo menos dois *experts* no tema são convidados para avaliar o manuscrito e emitir um parecer. Nessa fase, espera-se que haja maior rigor na avaliação, uma vez que é por meio do parecer que o editor deverá embasar sua decisão final, quando são considerados aspectos científicos, técnicos e éticos. Os avaliadores, ao se debruçarem sobre o manuscrito, têm a oportunidade de aprofundar ainda mais o tema do qual são especialistas, inclusive analisando-o sob uma perspectiva diferente, o que contribui para que aprimorem ainda mais sua competência científica, ou seja, sua capacidade de falar com legitimidade. Na elaboração do parecer, espera-se fundamentação consistente e justificativa plausível na identificação de erros contidos no manuscrito. Mas também é possível que o revisor aponte para as possibilidades de melhoria do documento, gerando, com isso, ganhos em termos de

aprendizagem para o autor. É também uma experiência de aprendizagem para o revisor, já que dele se espera capacidade de análise, crítica e fundamentação na apresentação de seu parecer.

Na **etapa editorial 2**, o editor recebe os pareceres avaliativos e, depois de analisá-los, toma uma decisão sobre o destino do manuscrito. Independentemente da decisão (se aceito, aceito com modificações ou rejeitado), trata-se de uma etapa na qual o editor precisa assumir uma posição acerca do documento em avaliação. Sua decisão não pode ser considerada puramente técnica, pois nem sempre os pareceres são claros e suficientes para embasar uma decisão editorial, como também não são necessariamente convergentes entre si. O papel do editor é levar ao conhecimento do autor o resultado da revisão por pares, encerrando um ciclo editorial, podendo ou não ter início um novo ciclo, tanto com o mesmo manuscrito no mesmo periódico, como o mesmo manuscrito em outro periódico, se o autor assim o desejar. Embora os ganhos em termos de aprendizagem com o processo editorial para o editor não sejam expressivos, para o autor é um momento fundamental para o desenvolvimento de sua competência científica.

A aprovação do artigo é o reconhecimento de sua competência científica. A aprovação com ressalvas ou a reprovação representam oportunidades para adquirir as disposições que se estabelecem na dinâmica entre os agentes do seu campo científico. Ao aceitar as críticas e sugestões apontadas pelos revisores por meio dos pareceres avaliativos, o autor imbuí-se de um estado de conformação e aceitação do conjunto de normas que orientam o comportamento de seu grupo, que como sugere a noção de *habitus* em Bourdieu, é construído na relação entre a interioridade subjetiva dos indivíduos e sua exterioridade concreta. A recusa pode resultar no descarte definitivo do documento, quando se aceitam as razões apontadas no parecer ou na decisão editorial e estas justificam a sua inadequação e não contribuição ao campo científico. Mas também a recusa pode resultar na apropriação das recomendações na perspectiva de melhoria e aprimoramento do documento. Nos dois casos, prevalece a submissão e aceitação dos critérios estabelecidos por aqueles que, como afirma Bourdieu, não só estão no jogo como também se ocupam de definir as regras mediante as quais o jogo deve ser jogado.

Nessa perspectiva, a revisão por pares, como uma microrrepresentação do campo científico é, para o pesquisador, um espaço para o desenvolvimento de sua ontogênese intelectual, especialmente quando sua condição nesse processo é de autor. Se, conforme estabelece Nielsen (2012, p. 1), “a comunicação é uma parte importante da prática científica e, sem dúvida, pode ser vista como constitutivo para o conhecimento científico”, a formação do pesquisador se dá no próprio exercício dessa prática, perpassada inteiramente pela

comunicação científica, já que a ciência é, antes de tudo, um sistema social de comunicação (NIELSEN, 2012), embora não necessariamente democratizado.

5 A PRÁTICA CIENTÍFICA, O *HABITUS* CIENTÍFICO E A ONTOGÊNESE INTELLECTUAL DO PESQUISADOR

A **ontogênese intelectual**, isto é, o desenvolvimento do indivíduo, ao longo da sua história como pesquisador, decorre das apropriações quando da sua participação em diferentes processos em que estão em disputa a luta pelo monopólio da autoridade científica. Esse desenvolvimento tem origem incerta e depende da concepção de pesquisa que se tem e, claro, da desenvoltura e interesse do indivíduo por trilhar os caminhos da pesquisa científica. Por exemplo, o início da história do indivíduo como pesquisador pode ser a graduação, as experiências na iniciação científica, mas também pode ser sua formação em nível de doutorado, como a realização de uma tese ou mesmo sua participação em uma experiência de pesquisa relevante. O papel do reconhecimento dos pares pela importância do trabalho do pesquisador à comunidade o coloca em uma posição mais privilegiada no processo de revisão do conhecimento a ser comunicado. Ao ser reconhecido pela qualidade e relevância do conhecimento que produz, o autor adquire mais prestígio e, com isso, mais espaços para fazer valer suas convicções científicas e comunicar seus conhecimentos. Como revisor, quanto maior for sua competência científica, mais convites receberá de veículos mais conceituados para participar da avaliação do trabalho de outros pesquisadores, fazendo com que acumule ainda mais ganhos em termos de aprendizagem e, por conseguinte, capital científico.

Acontece que esse processo se desenvolve dentro de um universo hermético que é a própria ciência, com um conjunto de padrões de comportamento pré-determinado, linguagem própria e normas de conduta rígidas. Como já mencionado, esse universo é o *habitus* científico, ao qual o pesquisador deve subordinar-se caso queira obter sucesso no processo de interação. Uma das formas de interagir com o meio científico é participando do processo de publicação, ou, pelo menos, submetendo manuscritos aos periódicos da área.

Assim, a dimensão pedagógica da revisão por pares pode ser abordada sob duas perspectivas: uma de natureza social, e outra de natureza individual. A de natureza social considera os determinantes e dinâmica próprios de um campo social. Como assegura Bourdieu, tal campo é formado por uma estrutura de dominação que estabelece a distribuição de recompensas entre os agentes envolvidos, cujo conhecimento sobre seu funcionamento é fundamental para a inserção nesse meio. A perspectiva de natureza individual, pressupõe que

as apropriações das recomendações oriundas da revisão por pares se constitui como uma atividade ontológica, interna.

Por outro lado, há de se reconhecer que a distinção entre as disposições objetivas da realidade do campo e as disposições subjetivas do universo do agente podem não ser, necessariamente, possibilidades dicotômicas para se pensar o processo de desenvolvimento intelectual do pesquisador. Peters (2017, p. 336), empenhado em refletir sobre a resposta de Bourdieu à questão de “como é possível um conhecimento objetivo do mundo societário se os pontos de vista dos cientistas sociais são condicionados por seu pertencimento a esse mundo?”, aponta três elementos que podem contribuir para ampliar a reflexão acerca das relações do pesquisador em seu campo científico na perspectiva de seu desenvolvimento intelectual. Primeiro, os pressupostos da socialização do espaço social mais amplo, pressupostos estes que incluem a raça do pesquisador, a classe à qual pertence e seu gênero; segundo, as vantagens de pertencimento às classes sociais mais abastadas e, portanto, o distanciamento das necessidades econômicas mais urgentes; e, por fim, a aquisição prévia de capital cultural, determinante para o ingresso no mundo da arte, da filosofia e da ciência. Nesse sentido, pode-se considerar que, além dos desafios que se impõem aos pesquisadores iniciantes, como a sujeição às determinações do campo científico por meio da aprendizagem de seu *habitus* (que incluem conceitos, teorias e métodos considerados válidos), não se pode negar o contexto das existencialidades concretas dos sujeitos que fazem ciência e, por conseguinte, se fazem pesquisadores no fazer científico, umbilicalmente vinculado às determinações sociais, econômicas e culturais de uma determinada realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de discutir a revisão por pares à luz das contribuições de Bourdieu acerca dos elementos que, em sua análise, compõem a estrutura e atuam no funcionamento dos campos científicos. Por meio da análise da revisão por pares como um microcosmo da prática científica, foi possível perceber também os desafios para que este mecanismo seja capaz de cumprir seu objetivo precípua: contribuir com o controle de qualidade da produção científica. Sendo a ciência um campo social composto por vários subcampos, a revisão por pares está condicionada à lógica interna destes espaços menores (áreas, redes, laboratórios, instituições etc.), portanto, a seu *habitus*. Nesse sentido, a despeito dos atributos que conferem universalidade à linguagem científica, a noção de competência

científica é dada por cada campo, respeitando sua cultura, suas relações de poder e a estrutura de distribuição do capital científico entre os pesquisadores.

Nessa perspectiva, ficou demonstrado que o desenvolvimento do pesquisador ao longo de sua trajetória não decorre, exclusivamente, de um esforço pessoal com vistas à aprendizagem dos procedimentos que constituem a prática científica, cientificamente válida. Na ciência, assim como nos demais campos sociais, ganha importância a necessidade de se atentar não só para as estruturas científicas dos processos de produção do conhecimento, como também para as relações de poder que acabam por determinar a formação destas estruturas.

Se, por um lado, o desenvolvimento da competência científica do pesquisador se dá mediante a aquisição de habilidades necessárias à sua prática de pesquisa, por outro lado, fica patente que seu avanço em direção aos espaços mais privilegiados e de concentração de prestígio decorre da sua capacidade de compreender como estão organizadas as relações de poder no interior de seu campo. Em outras palavras, a dimensão objetiva da prática científica não explica, sozinha, o funcionamento deste campo social. Necessário se faz entender também seus contornos políticos e o interesse, mascarado de desinteresse, que mobiliza pesquisadores em direção ao que se revela como vantajoso para a acumulação de capital no interior de cada campo científico.

Por fim, convém considerar que o desenvolvimento intelectual do pesquisador, isto é, sua ontogênese, não prescinde do arcabouço explicativo de Bourdieu que permite ultrassar a compreensão de ciência como um campo social homogêneo e equilibrado. A noção bourdiesiana acerca do funcionamento dos campos científicos vale para reforçar a ideia de que a ciência, enquanto campo social, é formada por uma teia de relações em que a ousadia e a sujeição, a inovação e a reprodução, o enfretamento e o reconhecimento coexistem para tensionar e conformar as relações no interior do campo, de cuja compreensão todo pesquisador (iniciante ou experiente) depende para fazer valer sua própria ontogênese intelectual.

REFERÊNCIAS

BJÖRK B.C.; P. CATANI. Peer review in megajournals with traditional scholarly journals: does it make a difference? **Learned Publishing**. v. 29, p. 9-12, 2016.

BRAMBILLA, S. D. S. et al. Interfaces entre os campos da comunicação e da informação. **Comunicação & Informação**, v. 10, n. 2, p. 21-33, ago. 2010.

BOURDIEU, P. **Homo academicus**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

BOURDIEU, P. O campo científico (Le champ scientifique). **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 2, n. 3, p. 84–104, 1976.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. **Razones prácticas**. Barcelona: Anagrama, 1997.

CAÑO, A.; LUNA, F. **PISA: competência científica para el mundo del mañana**. Bilbao: ISEI.IVEI, 2011. .

CATANI, A. M. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 57–75, 2002.

CUNHA, M. I. da. Políticas públicas e docência na universidade: novas configurações e possíveis alternativas. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, p. 45–68, 2003.

FOX, C. W.; BURNS, C. S.; MEYER, J. A. Editor and reviewer gender influence the peer review process but not peer review outcomes at an ecology journal. **Functional Ecology**, v. 30, p. 140–153, 2016. Disponível em: <https://besjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/1365-2435.12529>. Acesso em: 19 ago. 2020.

HORROBIN, D. F. The philosophical basis of peer review and the suppression of innovation. **JAMA: the journal of the American Medical Association**, v. 263, n. 10, p. 1438–1441, 1990.

MARTÍNEZ, G. S. La revisión por pares y la selección de artículos para publicación. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 21, n. 1, p. 27–35, 2012.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Workshopsy, 1995.

NIELSEN, K. H. Scientific Communication and the Nature of Science. **Science & Education**, 2012.

PETERS, G. A ciência como sublimação: o desafio da objetividade na sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu. **Sociologias**, v. 19, n. 45, p. 336–369, ago. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-45222017000200336&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 19 ago. 2020.

PINE, D. S. Editorial: The difficulties and privileges of the editor. **Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines**, v. 49, n. 9, p. 897–899, 2008.

RIBEIRO, M. T. R. O espaço dos possíveis, de Pierre Bourdieu. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 50, n. 2, 2014.

SERRA, F. a. R.; FIATES, G. G.; FERREIRA, M. P. Publicar é difícil ou faltam competências? O desafio de pesquisar e publicar em revistas científicas na visão de editores e

revisores internacionais. **RAM**, v. 9, n. 4, p. 32–55, 2008.

SILVA, C. N. N. da. **Ontogênese intelectual**: o potencial pedagógico da revisão por pares no desenvolvimento da competência científica de pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento. 2016. 165 f.l. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21015>. Acesso em: 1 dez. 2020.

VERMEIJ, G. J. **J. Biosci**, v. 27, n. 5, 2002. Disponível em: <https://www.ias.ac.in/article/fulltext/jbsc/027/05/0451-0452>. Acesso em 15 nov. 2020.